



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XV—N.º 384—Preço 1\$00
29 DE NOVEMBRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário

Facetas de uma Vida

Das pessoas e das coisas

«Das Coisas e das Pessoas» é a secção alegre do *Lume Novo*. Nela se criticam defeitos, comentam episódios, apontam casos picarescos, ou surpreendem deslizes cómicos dos alunos do Seminário. Faz-se isso por motivos simplesmente humorísticos, quando não com uma finalidade educativa de acordo com o proloquio latino: «Ridendo cast'gat mores».

Foi em Julho passado. Os exames estavam a dar as últimas, e os seis ou sete que esperavam a terrível prova andavam por aí irrequietos, meditando, excitadíssimos.

É que o caso não era para menos; os professores «esticavam» valentemente.

Sentavam-se ali na mesa da 4.ª perfeitura, todos juntos na ponta do fundo.

Um dia apareceu na roda um tacho de alumínio pequeno, muito ajeitadinho, cheio de papas! Oh que rica coisa!

Ele vai, agarra no dito tacho, trá-lo para a mesa; serve-se de carne; mistura as papas; saboreia; e apenas encontra um pequeno defeito: a irmã esquecera o açúcar!

Daí a nada ouve-se: «Está lá?» — «Está sim senhor; que é que deseja?» — «As papas do Amigo do Povo!»

Eis uma coisa e uma pessoa. Agora vai uma pessoa e uma coisa.

Tinham vindo todos três lá de cima, do cabo do mundo, na manhã de 10 de Outubro passado, em direcção ao Farropo, mas logo adiante um deles larga a companhia para se encaixar no meio de três almoceves muito besuntados, escanchados em cima de três bichos a morrer de fome, com três grandes maçanetas no meio dos olhos.

A conversa aquecera, muito batida, muito gesticulada; verdadeiramente animadora. Falava-se da triste vida dos almoceves, dos ganhos curtos, das manhas do gado. Veio a feira da Covilhã, a nova estrada da Pampilhosa, uma das histórias de Fajão, mais estafadas do que os machos. Um dos almoceves contou mesmo que ali naquele lugar, o ano passado, tinha perdido o melhor macho, que lhe morrera debaixo da carga com uma indigestão de favas.

Ora foi precisamente nesta altura que o nosso homem se voltou para ver o lugar da sepultura, em vez do que, vê

Do «Lume Novo»
N.º 8—Novembro 1928

que havia perdido a saca do arranjo que trazia, farnel e tudo! Salta abaixo, prende o burro, e lá vai ele serra em fora, à procura da bolsa. Fajão ficava já lá muito em baixo, e o homem caminha sem-



PATRIMONIO dos Pobres

Madeira

A Junta Geral ce-de-nos amavelmente um carrito para a viagem ao norte e poente da ilha. Estrada fora, em zig-zag contínuo, o panorama é observado com minúcia, que a marcha é obrigatoriamente lenta.

Ponta do Sol à vista. Os canaviais escondem completamente a encosta do vale ao monte. Os poisos divisórios, que suportam o terreno para a cana do açúcar, são pequenos degraus verde mar, subindo uns após outros. Por aqui tão abundantes, constituem o aspecto mais característico e singular destas paragens insulares. Semeadas a jeito de presépio, casitas alvo-vermelhas brilham em meio de verdura. Aqui e acolá, colmo erguido resguarda famílias humildes. Arrimado à estrada que percorremos, o Património dos Pobres. Emoldurada em pirupenelas e flores tropicais, espreita a casa em que pedimos licença para entrar. A alegria dos moradores espelha-se no rosto. Casa modesta, «mas ele não há comparação com a possilga onde vivíamos». E vamos vê-la também. Eu não caibo de pé. O piso interior é lamacento e a escuridão não deixa calcular a dimensão exacta. No entanto basta para compreendermos toda a exuberância da alegria dos Pobres.

Pertinho, mais fruto do Património. Além, gemidos da viúva com oito filhos e mais inquietação dos vicentinos. A dois passos, pobre paralítica com cinco amores de criança refugia-se numa

pre, olhos no chão, maldizendo a sua sorte. Eis senão quando pára, de repente, arregala os olhos, bate na testa e exclama: «E se me roubam o burro!?» Larga a saca e acode ao burro. Estava lá o burro!

No Farropo encontra os companheiros. A camioneta busina a partida e o homem, que deixara a saca no caminho, deixa agora ali o sobretudo, em cima duma tojeira, à porta dum casebre!!

Oh se vissem a cara dele quando cá chegou! Dependinho de todo, sem saca, sem merenda, sem sobretudo, sem nada!

FREI JUNÍPERO

B E L É M

NOTA DA REDACÇÃO: «Belém» é a realização de um pensamento que vem de longe. É a tradução feminina da Casa do Gaiato.

A sua necessidade há muito era sentida por quem tem sentidos abertos aos problemas sociais... Se o rapaz abandonado carece de um Lar que o agasalhe, que dizer da rapariga nas mesmas condições?...

Pai Américo pensou várias vezes nesta ferida e foi abordado outras tantas por almas que se sentiam chamadas a Obra de a curar. De uma me lembro eu, a quem ele mandou «esperar activamente». O que este verbo e este advérbio me deram que meditar nesses tempos de espera activa que são os de um seminarista!

Inês chegou a estar com Pai Américo e recebeu dele uma palavra de incentivo. Depois, foi esperando... activamente! Não provocou. Não precipitou acontecimentos. Cerca de três anos vão passados depois da palavra estimulante de Pai Américo. Há mais ela trazia a inspiração em seu seio. Faltava apenas o fiat fecundador. Três anos de disponibilidade, de abertura às moções do Espírito—foram o tempo da gestação. Agora «Belém» nasceu — porque Deus quis.

A «Obra da Rua» não pode negar a mão a esta outra Obra, irmã mais novinha, que vacila ainda em seus primeiros passos. «Belém» seguirá o seu caminho a par, mas independente da Obra da Rua. Porém, os mesmos são os princípios de abandono total e confiante na misericórdia infinita de Deus nosso Pai, que, querendo a Obra, também a sustentará. Os mesmos são os princípios fundamentais da formação do rapaz e da rapariga: o respeito pela liberdade essencial à única criatura feita à imagem do Criador.

Por isso «Belém» tem desde já e terá até que Deus o queira, o seu lugarzinho nas colunas de «O Gaiato».

Belém—Casa do Pão. Belém, onde nasceu Jesus, mas numa gruta!, que Seus Pais em vão bateram de porta em porta à procura de melhor abrigo!

Com a cidade repleta de forasteiros, os da terra trataram de aproveitar aquela boa maré de negócio e não havia tempo para se preocuparem com as aflições dos outros. Isto aconteceu entre os judeus, que tanto a peito tinham o exercício da hospitalidade para com os seus compatriotas.

É frequente ouvir de bocas piedosas frases como esta: Se eu estivesse em Belém naquele tempo, com que alegria não teria dado agasalho à Sagrada Família!

Irreflexão ou ingenuidade? José e Maria, quando percorriam as ruas de Belém, não levavam as cabeças cercadas do esplendor com que agora usamos distinguir as imagens dos santos! Nem se apresentavam como progenitores do Messias por que há tanto suspirava o povo eleito.

Se José e Maria viessem agora procurar abrigo entre nós, os que recebemos a mensagem de Jesus e nos denominamos cristãos, onde acabariam por ter que se recolher? Talvez na choupana de algum humilde camponês, ou no palheiro de um rico lavrador... Talvez no vão de escada de uma viela da cidade... Nos conventos de altos muros e portas

CAMPANHA DE ASSINATURAS

BOAS NOTICIAS

Tão boas, que nem sabemos por onde começar. Na minha frente há um maço de cartas, de postais e circulares. Muitos assinantes! Só podemos comparar este movimento ao das primeiras campanhas.

De tão contentes, queríamos dizer um mundo de coisas. É o sangue novo. Expansivo. Impetuoso. É o monte de cartas. Tão belas! São as listas: Tantas assinantes! E tantas provas de amor e carinho! «Enquanto outros vão pensando, rogo o favor de tomar duas assinaturas... fazendo votos por muitas delas para mais Luz, aonde ainda há escuridão». Mais outro documento de igual teor: «Há dias mandei 2 e hoje envio o nome de mais três que consegui interessar e que são bons assinantes... Por hoje é tudo! Logo que consiga mais envio a nota dos nomes imediatamente». Interesse. Cuidado: «mais três que consegui interessar e são bons assinantes». É destes que a gente quer. Interessados e bons. «O Gaiato» não quere pesos mortos. Quere gente que leia. Que ame. Que se apaixone e faça apaixonados. Sim; nós esperamos, também, pelos entrados agora. Não de trazer outros pela sua mão. Cada um, um. Eis a prova: «Metam dentro do primeiro jornal que vão mandar uma circular, que esses arranjam outros». É uma afirmação. Não diz que talvez, diz que sim. Afirma.

SEGUE NA PAGINA TRÊS

Cont. na página DOIS



S. Vicente (Madeira): Esta casa do Património perde-se nas escarpas!

Património dos Pobres

— Vem da página UM —

Os vicentinos, perturbados, não param a cruzada encetada. Gosto tanto de andar por aqui a ouvi-los: «A alegria dos Pobres contemplados dá-nos força para novas casas». É mesmo esta alegria a grande força imanente da germinação do Património.

Rumo ao norte, um belo percurso por Ribeira d'Água e Encumeada. A encosta pára de subir e nós de andar. O panorama é deslumbrante. Divisa-se o mar sempre azul esvaecido, de ambos os lados da ilha. A nossos pés a verdejante arborização entroniza-nos. Em redor escarpas abruptas. Pausa feita, prosseguimos. Serra abaixo, enroscando-nos no arvoredor em que serpenteia a estrada, afagamos as hortênsias azuis-rosa, que orlam as valetas. Ao fundo, o Campanário de S. Vicente. Disseminados nos tabuleiros de vime, telhados vermelhos e colmo escurecido. O vigário anda empenhado em três moradias. Mostramos gosto em visitá-las. No caminho verificamos que os palheiros de gado abrigam gente. Neste, um rapaz doente ampara a mãe viúva. Labutam e vivem. Onde haja penas e amor o Património realiza-se. Somos testemunha.

Retomamos a estrada. Meia hora decorrida Ponta Delgada. Povoação costeira e plana, mostra-se risonha a quem chega.

A casa que aqui nos traz está habitada já. Os moradores empenharam-se em ajudar e por isso mais estimam o que é também fruto do seu suor. À beira-mar, mais parece um sanatório marítimo, onde o ar, a luz e o conforto compensam as horas sombrias de outrora. O pároco inquieto vai continuar.

Boaventura fica próxima. As casas dos Pobres perdem-se nas escarpas. A natureza é bizarra e exigente. Duas casitas estão num píncaro. A terceira em alicerces, num baixio. A situação pouco importa. Onde quer que haja um irmão a sofrer, há que levantá-lo. É ordem da Caridade.

Tornamos atrás em direcção ao poente. O troço da estrada é do

mais belos. De vez em quando, perfura a encosta com túneis negros em que a água cai torrencialmente sobre nós. E de novo o mar à direita, e a rocha vulcânica talhada a prumo, à esquerda. A janela do inferno é precedida de curto túnel que dá para o desfiladeiro, onde escorrem múltiplos fios de água, tornando fértil e muito verde o silêncio do lugar.

Duas dobras da encosta e aparece-nos o Seixal, muito limpo a desafiar o mar do norte. O pároco inquieto pensa nos seus Pobres. Que não lhe falte a força do Alto. A ilha continua cortada verticalmente sobre o oceano. Succedem-se os imprevistos. Rochedos soluçam golfadas de água. As cascatas escorrem pelas vertentes.

Ao longe, Porto Moniz. A vila é pitoresca. Boca do inferno e piscina natural, a que as marés renovam a água para banhos, constituem centros de atracção para turistas. Observa-se o que o Senhor delineou sem intervenção do homem, vamos ao que este empreendeu guiado pelo mesmo Senhor — a casa dos Pobres. Em frente o mar sem fim. Dentro da moradia outro de angústia em família abandonada por alguém que emigrou e não mais deu notícias. Eis uma das maiores obras de caridade que os livros Santos determinaram: os orfãos e as viúvas. A emigração é crime social quando rompe definitivamente o laço matrimonial ou o põe em risco. Normalmente assim sucede. Separa-se a cabeça dos membros. Ora em carne humana, todo o corte sangra. Se os membros não acompanham a cabeça gera-se a dôr. O problema da emigração na Madeira é circulo vicioso: o que não quer dizer que tenha de continuar a sê-lo. O chefe não suporta os encargos da família. Esta, privada daquele, muito menos se aguenta. Nasce a angústia... e a indiferença.

A noite cai lenta. As curvas da estrada, escurecem sucessivamente. A ramagem tolda o caminho e tudo escurece. Surgem pontos luminosos a cintilar, na noite. São almas que recolhem a seus poisos. Ao labor sucede o merecido descanso. Todos repousam... Nós fazemos outro tanto, felizes e amargurados.

Padre Baptista

B E L É M

— Vem da página UM —

bem fechadas, nos palácios dos grandes senhores que nunca vêm à porta e mandam a resposta (sempre a mesma) pelos criados, ou nas casas confortáveis dos bem instalados na vida — é que eles não entram.

Mas Jesus não virá novamente nascer entre nós — talvez se consolem com isso os que teimam em querer conciliar a religião herdada dos seus antepassados com o egoísmo que teima em ignorar as necessidades, por vezes tão prementes, do seu próximo.

O pior, pior para esses, mas verdadeiramente maravilhoso e consolador para todo o homem de boa vontade que saiba ouvir e guardar a palavra de Deus — é que Jesus considera como feito a Si próprio o que fizemos aos Pobres, aos desamparados, a todos os necessitados do nosso socorro e arrimo. Di-lo o Evangelho mais do que uma vez e o Evangelho não mente, porque é a palavra de Jesus.

Entramos agora no tempo do Advento, destinado pela Santa Igreja à nossa preparação para a grande festa do Natal de Jesus. Tempo de purificação e reconciliação este! João Baptista, o Precursor, exortava os judeus a que se arrependessem dos seus pecados, fizessem penitência e preparassem os Caminhos do Senhor, que estava perto. Nós, para merecermos tomar parte na grande festa da Caridade Cristã que é o Natal de Jesus, devemos fazer um sério exame de consciência, examinando em que ponto faltamos ao amor devido a Deus e ao próximo, pois é no grande preceito da Caridade que todos eles se resumem.

Quantos pecados, por acções e omissões! E a mais frutuosa penitência que podemos fazer por eles será praticar actos de caridade opostos a esses mesmos pecados. Deste modo libertaremos a nossa alma do egoísmo que a arrefece e a mata para a vivificar e abraçar na Caridade, que é a par-

Engenheiro DUARTE PACHECO

Ainda há dias lá passamos, no lugar onde soou a sua hora derradeira.

Os «padres da rua» também correm as estradas de Portugal em serviço dos Pobres, que é serviço da Nação. Pai Américo encontrou na estrada o abreviamento dos seus dias, tal como aquele Amigo cuja memória se não apaga entre nós.

Ano a ano, singularmente (Que na multidão dos nossos benfeitores recomendamos todos os dias à Misericórdia de Deus, ele está!), o Sacrificio do Altar no dia 16 de Novembro é cheio da sua lembrança.

ticipação na própria vida divina e o único penhor das graças que o Menino Deus nos há-de conceder no dia festivo do Seu nascimento como Homem.

Ora o motivo que hoje me traz, pela primeira vez, às colunas de «O Gaiato» é, precisamente, oferecer a todos os seus leitores uma bela oportunidade de prepararem a Jesus Menino uma homenagem que, estou certa Lhe irá agradar muitíssimo. Tenho em mente a organização de um presépio em tamanho natural; melhor direi, de um Presépio vivo.

Atendam os leitores a esta passagem do Evangelho: «O que receber em Meu nome um menino tal como este, a Mim recebe». Em nome de Jesus e para cumprir à letra esta Sua palavra, serão recebidas, na noite do Natal que se aproxima, algumas pequenitas desamparadas, dessas que não podem contar com a protecção dum pai nem muitas vezes com o exemplo de vida digna das mães. Para isso servirá qual-

quer casa que se possa arranjar e as pequenitas ocuparão dentro dela o lugar de Jesus. E todos aqueles que quiserem vir em nosso socorro com suas dádivas, ocuparão no Presépio o lugar dos pastores, dos reis magos e da outra gente de Belém que há-de ter acorrido à gruta, quando se espalhou a notícia do nascimento do Menino e dos factos maravilhosos que o acompanharam.

Este Presépio vivo será o início de uma obra de protecção às raparigas pobres e sem amparo, denominada «Belém» e consagrada à Sagrada Família. Será muito diferente das que estamos habituados a ver entre nós e as normas de orientação segundas estarão de acordo com os princípios educativos de Pai Américo.

Impossível, por hoje, considerar os vários e delicados problemas que a organização desta obra comporta. Apontarei o primeiro: conseguir instalações adequadas. O ideal seria uma pequena quinta com casa de habitação, afastada do meio cidadão.

Fico à espera das almas generosas que queiram vir até «Belém» — Viseu, ajudar a preparar o nosso Presépio vivo.

Inês



Sou, por missão, o pregoeiro das boas obras dos homens, para que todos as vejam e fortifiquem o espírito. Nada como este tónico. Ele alimenta e abre apetite. O Gaiato, porque levanta alto as boas obras, é tão desejado pelas massas esfaimadas como pelas fartas.

Dizia, aqui há tempos, que Setúbal nos começa a conhecer e logicamente a amar. É verdade. Começamos a ser amados pelos que são capazes de vencer o seu egoísmo.

Outro dia, toca o telefone. Um cozinheiro atende.

— Faça o favor de vir ao telefone que é do «Vitória». O Vitória é o clube mais querido dos rapazes, mas é também o que mais lhes quer. Não há mimos que o Vitória não faça.

— Está lá?! — Estou. — O ano passado reservamos quarenta lugares prós gaiatos. Podiam dizer-nos se precisam de mais? — Quarenta chegam por enquanto.

Às vezes vou ao peixe, à lota. Comprado, pedido ou oferecido, o peixinho vem fresco de regalar os oitenta e dois. Gosto de ir à lota! Falar com os pescadores! Descobrir porque é que o Mestre escolheu os seus mais íntimos, dentre os homens do mar! Observar aquelas caras tismadas, ouvir as vozes roufenhas e apalpar almas simples, generosas e rudemente francas. Até na linguagem, à primeira vista embrutecida, há manifestações palpantes da verdade singela que lhes brilha na alma.

Há entre os pescadores rasgos de generosidade que nos envergonham e acabrunham: — «Ó senhor prior tome lá

prós meninos que eu ainda tenho pão para comer hoje mais os meus filhos». Uma caixa de sardinha a saltar que um pescador esfarrapado nos deu! Como me soube na boca dos meus um peixe tão precioso! Ó mundo!, aprende estas lições de humanismo e deixa-te de mentiras que envenenam o homem, em vez de, como dizes, lhes darem vida. Olha o que é doutrina social! Este homem rude do mar aprendeu em contacto com as ondas do oceano e da vida uma doutrina que os mestres não expõem nas suas cátedras.

Os estudantes foram para o Liceu e pró Colégio. Tudo ali e acolá é carinho. Até tenho receio que os habituados ao abandono, agora, não saibam apreciar e receber com tempera as atenções de que são rodeados. Um vai almoçar, cada dia, a sua casa, durante a semana. Os outros dois é no Liceu. Não tive que me preocupar. O Senhor Reitor, mais os Senhores Professores já se encarregaram. Livros, outros materiais e até roupas, não são comigo. Assim esta Casa do Gaiato é de Setúbal! Eu sózinho, nada poderei fazer. Nós todos havemos de aliegar obras imortais... e eternas!

Num atelier de costura a Dona e Mestra mais as discípulas e empregados quiseram ajudar-nos... e aí estão elas a confeccionar com gosto os seus trabalhos para serem servidos prós gaiatos. Já nos entregaram oitocentos escudos mais a vontade de prosseguirem.

Tantas horas úteis que se perdem por essas ruas além.

Cont. na página TRÊS

Visado pela

Comissão de Censura

Chales de Ordins

Vai vindo o frio e muitos se vão prevenindo já com os nossos chales. Alguns vão marcando, com antecedência, datas de entrega, para podermos melhor cumprir. Quanto amor isto não revela! Assim Lisboa pede 30 dos grandes, para serem remetidos, de 10 a 15 de Dezembro, a um pároco. Podiam ser distribuídos por outras vias. Há nas paróquias outras autoridades. Preferiu-se fazer caridade. Escolheu-se o Pároco, pai dos fiéis, responsável pelas obras de apostolado e caridade na paróquia. Ninguém como ele conhece os Pobres. Como ele, ninguém os sabe amar. É Pai. Fica contente, quando lhe dizem: «tome lá para os Pobres». Agasalhar. Enxugar lágrimas. Remediar as necessidades materiais dos seus paroquianos — eis uma parte da sua missão, que só poderá cumprir com a colaboração daqueles seus filhos que não vivem na miséria. A outra parte, especificamente sacerdotal, diz respeito ao crescimento do Reino de Cristo pela vida sacramental, de que é dispenseiro.

De Coimbra, escreve uma mãe que espera o 6.º filho: «tinha muito gosto que o meu pequenino levasse um chale de Ordins ao seu baptizado, parece-me que receberia com a Graça uma especial «preocupação» com as misérias e sofrimentos dos outros». Embora os «chales de Ordins» sejam fruto da «preocupação com as misérias e sofrimentos dos outros», todavia só têm o condão de aquecer os corpos. Mas também é verdade que, se esta mãe se preocupa com os irmãos crucificados, certamente seus filhos herdarão a mesma «especial preocupação». Os filhos costumam parecer-se com seus pais.

Adbarros penaliza-se por não ter podido encomendar no Verão «para ajudar na falha» de trabalho. Afinal continua, mesmo agora, a sentir-se um decréscimo de produção. Outras propagandistas já conhecidas aqui seguem. Só de Lisboa vão 4. Mais uma da capital que pede «vários grupos de cores dos lindos chales de Ordins para que seja eficiente a minha propaganda. As jicistas da minha paróquia estão muito entusiasmadas». Vamos a ver o que elas fazem. Há por lá tanta miséria nas curraleiras!

Como nos anos transactos, o Funchal aparece: «aqui lhe envio 1.500\$ para uma nova remessa dos seus tão apreciados chales». Eu já esperava com uma nota das grandes. Este ano foi nota e meia, sem esquecer a Casa das Tecedeiras!

Macedo do Peso vai dizendo que «para a dúzia só falta um». Depois da dúzia, outra se espera. Do Porto e Matosinhos aparecem pessoas conhecidas. Gostaram e tornaram.

Cá vão as Vicentinas de Souto da Carpalhosa, Caldas da Rainha e Ribeira Brava. A Ordins tudo chega. Descansem. Os chales só se fazem com as medidas habituais. De Carviçais um saco com roupas e calçado para as tecedeiras. Vinha lá um cinzeiro feitioso... e eu acabei-o para a Casa das Tecedeiras. Mais roupas da mesma localidade de

uem já por duas vezes se lembrou duma tecedeira há tempos aqui falada. Podem mandar sempre.

Nazaré escreve um hino de amor maternal: «minha mãe já começou a sentir o frio do Outono e eu quero que esteja muito quentinha». Cabeço de Vide resigna-se com a vontade de Deus: «o Senhor quer que a maior parte das nossas economias vão para os hospitais e casas de saúde». Bendito seja Deus! Bragança mostra o desejo de mais: «pena é não poder mandar vir mais e com eles agasalhar uns Pobres».

O Liceu D. Filipa de Lencastre e o Centro da Mocidade P. Feminina, aparecem, na roda do ano, várias vezes. Desta vez, foram 500\$ deles. Se os outros liceus e Centros da Mocidade



Ando muito contente. Muito contente com a esperança que trago dentro de mim.

Sempre puxamos para trás quando nos falamos em grupos grandes de casas para Pobres. Temos medo dos amontoados; sobretudo do amontoado de famílias caídas na miséria. Só a polícia pode manter a ordem; ou nem a polícia... No Pedrulha de Coimbra começamos só com doze. Mas o terreno convida, pobres necessitados não faltam e boas vontades vão aparecendo. Foi então quando apareceu a lembrança das Criaditas dos Pobres. Só elas. É a sua missão de amor. É o seu meio.

Levamos-lhes a ideia. Foram ver e ficaram contentes e doridas. Contentes com a ideia e com o campo vasto de acção. Doridas por não terem gente: somos poucas; não chegamos para nada; mas confiamos em Deus.

Deram-nos uma esperança e é ela que nos alegra. Já assim foi com Pai Américo por causa de Miragaia. E foram e hoje são a menina dos olhos da gente do Porto.

Animados por esta esperança mandamos abrir mais ali-cercas. No canto, logo à entrada, há-de ficar a Casa das Criaditas dos Pobres com salas para creche, casa de trabalho, refeitório para as crianças, sala de estar à noite para os homens, consultório médico e um pequeno oratório. Tudo o indispensável para elas poderem assistir a cento e cinquenta pessoas que ali há-de habitar.

Neste dia, à noite, estiveram no local aonde sobem as casas, um grupo de senhoras, Filhas de Maria. Têm em seu poder mais de vinte contos para entregar. Pedimos ali que fossem elas a construir a Casa das Criaditas. Ficaram atemorizadas, mas nada há que recear. É só necessário coragem e conseguir tanto dinheiro como aquele que já conseguiram

quisessem... Se os Colégios quissem...

Fechem a procissão o Luso, Valpedre, Penafiel, Esmoriz (penaliza-me ver aqui a minha terra poucas vezes!), Miranda e Douro e S. Pedro do Sul.

A Casa das Tecedeiras vai indo. Têm aparecido alguns doativos, não muitos. Eu dei volta por perto. Alguém meteu-me na mão 3.000\$. A Sucol anulou-me uma factura de 4.600\$. A Cerâmica de Valadares e a Novinco vão com seus produtos. A Fundação Gulbenkian concedeu-nos um subsídio de 52.279\$10 «para auxiliar o apetrechamento do edifício do Centro de Assistência Social de Ordins». Ora como esta importância tem um fim especial e temos ainda por iniciar as obras de carpinteiro e trolha, os senhores podem continuar a aparecer com pregos, telhas, vidros e o mais que quiserem.

Padre Aires

e têm a casa pronta e muita alegria na alma. Não aceito que digam não; sim, é que é; para a frente.

Juntamente estiveram representantes do Pessoal dos cinco bancos de Coimbra a entregar 12.500\$00 que angariaram já há muito tempo e esperaram o momento da entrega. Também a eles pedimos que continuem a trabalhar e assim o prometaram com regozijo.

Ontem à noite vieram três delegados dos habitantes do Bairro Marechal Carmona entregar 8.942\$50 que juntaram naquele centro. Não fui eu que pedi, mas eles que disseram continuar a labutar por uma casa completa. Aproveito este cantinho para dar uma palavra de encorajamento a todos daquele bairro, o maior e mais vistoso da cidade, para que unam e que a «Casa dos Habitantes do Bairro Marechal Carmona» seja uma realidade e assim esperamos.

Padre Horácio

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

VEM AÍ O NATAL: Mais gemidos? É verdade. Gemidos do corpo, que os da alma a gente guarda-os mui juntinhos ao coração.

A um mês do Natal pouco falta para começarmos a ser metralhados. «E a consoadá? Não se esqueçam de nós...»

Podemos lá esquecer! Talvez sintam, ainda, nos ouvidos os lamentos que hão saído nos últimos números. Exactamente: O deficit dos dez contos. Pois é nestas circunstâncias que vamos tomar balanço prá consoadá — a dever!

Vem por nós, sustera a queda. Faze teu o nosso débito. Toma lugar no cortejo, si enciosamente, não vá o mundo dar fé.

Que bela noite de Natal, à beira do lume, no sossego do lar, pais e filhos, avós e netos — consolados; porque lá fora, não importa se perto se longe, do que há na mesa foi repartido pelos Pobres. Ó alegria cristã! Ó noite de Natal!

Anda. Quanto mais cedo melhor. Que o bacalhau para ser cozido é

CAMPANHA DE ASSINATURAS

BOAS NOTÍCIAS

Cont. na pagina 3

Vem aí a procissão. Gente de todas as categorias. Clero. Nobreza. Povo. Todos de mãos dadas, que em Cristo não há distâncias.

Quiséramos noticiar em pormenor. Mas como? O espaço não deixa. Vamos, então, colher ao acaso mais algumas notas elucidativas do que vai na alma dos devotos da Campanha.

Por exemplo: aquele trabalhador do Porto que além de recolher 5 assinantes «prometeu a Pai Américo o primeiro aumento de ordenado». Um Humilde ao serviço da causa dos Humildes! Como não há-de a Campanha ir prá frente! E como Pai Américo não há-de estar contente!

Grande despique traz alvoçada a malta do jornal: «Lisboa vai passar as palhetas ao Porto», diz o Roque. Eu não sei. O tempo dirá.

Ainda perguntam quanto é a assinatura! Tornamos a dizer: cada um dá o que pode e consoante a vontade.

Uma carta de Um Amigo: «Estes assinantes (10, de Fus-

SETUBAL

Vem da pág. DOIS

Tantas que revertem em prejuízo próprio e dano alheio! Aqui não. No salão de costura da Rua Castelões tudo se aproveita.

Eu já senti o Natal à porta. Ouço por aí além o remexer das arcas e o revolver de guarda-roupas. Há lembranças que é preciso comprar. Há fogo que é necessário distribuir. Quem possui a sobrar deve distribuir. Tem o dever. Senão é cristão, por justiça. Se é, mais ainda, por caridade. Os Pobres batem à nossa porta. Não esqueças. O mundo precisa da beleza das boas obras. Fá-las. Quanto mais te custarem, melhores e mais saborosas: — É a voz de Cristo.

Padre Acílio

costume ser, primeiro, demolido...

O QUE RECEBEMOS: 70\$ «para amortização da dívida dos 10.000\$». São do Porto. O costume da assinante 17.022. Mais 30\$ de Aurora Pereira. E 100\$ de Ilda Jorge, do Porto. O Daniel entrega 55 «dum casal amigo da Rua da Prelada». Mais esta carta do Brasil: «São tantas as necessidades que mostra o vosso «Gaiato» que corta o coração não podemos fazer face a elas; a Divina Providência, porém vela pelos seus filhos da terra e só ela sabe o porquê de tanta miséria física e moral. Pelo Banco vai 500 cruzeiros». O assinante 15.436 segue com 10\$. De Andrada — Lunda, em Angola, 500 + 300\$00 + 300\$ + 184\$, promessa em louvor de S. Judas Tadeu. De uma Avozinha, 20\$. A Cravo 20\$. Rosa R. Costa, 16\$. «Por alma da mãe da Minucha» 100\$. Bebê n.º 3, 20\$. E 50\$ em sufrágio da alma da mãe da assinante 28.938.

Júlio Mendes

te) foram propostos por mim há mais de um ano e como a vossa abençoada desorganização é assim, até hoje ainda não receberam o jornal». Já seguiram. E alegremo-nos: a secção respectiva não empata. Caminha para uma completa Organização.

Ficamos por aqui. Mas... Alto! Avelino chega e revela, todo contente: «em menos de quinze dias vieram 256 assinantes». Formidável!

E quando for a vez do Ultramar? Isso é que vai ser!

Júlio Mendes

Peregrinação a Lourdes

(Cont. do número anterior)

Os claustros eram pequeninos e as flores que estão nestes são belas e multicolores. Os monges dedicam-se a muitos e difíceis trabalhos. O que fazem muito são roários de pétalas que quase todos os peregrinos compram e nós também. Sr. Padre Gregório Martins não se cansava de fazer propaganda. Multiplicava-se para chegar a todos. Não admira. Ele é daqui de Burgos. A todos atendia com um sorriso nos lábios.

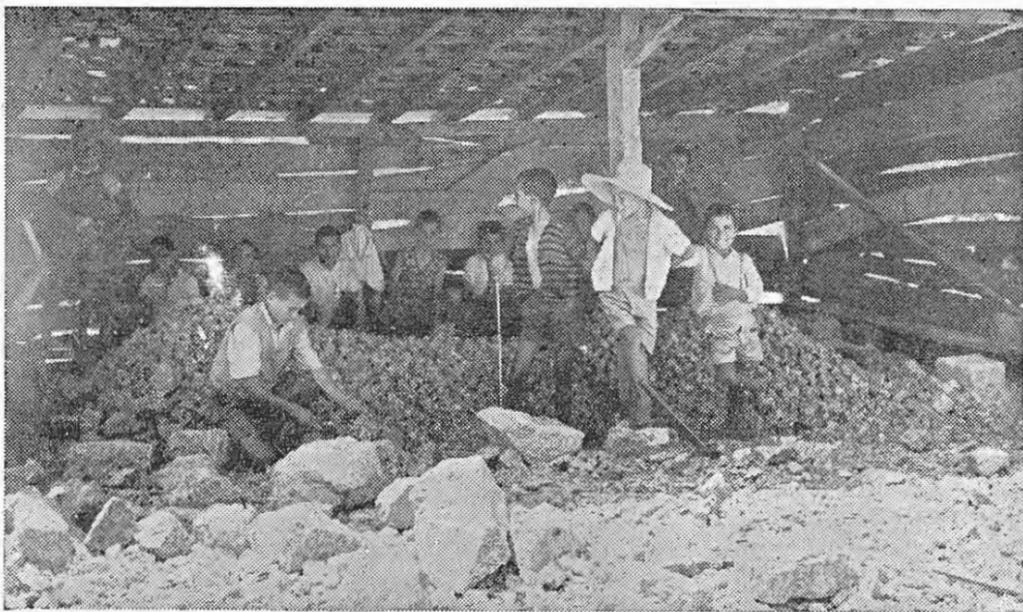
Foi neste mosteiro, no meio destes homens humildes, mas sábios, que vão mantendo a barca deste pobre mundo incompreensível e tresloucado, que o vão livrando das iras de Deus, que sentimos mais a Casa do Gaiato... seus superiores... seus filhos!... Tão longe, mas quão presentes!

**

Parecia que iria chover, mas o tempo compôs-se e a manhã um pouco fosca, podia considerar-se boa. Todos no carro e vamos de novo à cidade, onde visitamos a Catedral, a maior, mais bela e mais rica de quantas vimos até este momento, de novo à cidade, onde visitamos todas as partes ricas deste templo de paz, onde tudo era grande, belo, sonhador, que transportava a nossa mente a pais de maravilhas!

Entramos na Capela de S. Julian, magnífica em seu estilo barroco. O andor que quase sempre leva o Senhor dos Passos com 14 quilos de ouro e o resto de prata. Este andor, como todos os outros dão a volta completa à cidade para a abençoar e a tornar mais viril, forte contra o inimigo. É por isso que suas torres magnificenas se erguem ao alto, muito ao alto. Quem vem ao longo já as contempla. São elas que primeiro falam à alma do povo. São elas que indicam o caminho, marcam a hora do nosso constante peregrinar. São elas ainda que nos dizem o último adeus, quando, o corpo inerte e frio, baixa à sepultura. São elas perene oração. Catedral é a Mãe da cidade. À sua volta é que ela se fez. A tornou sua defensora. E deve ser dos seus seios que se deve alimentar. É por isso que o povo espanhol é mais forte. Deu com a chave do Tesouro Inesgo-

Cont. na pagina QUATRO



PAÇO DE SOUSA

TOME NOTA. Sim, é a «Campanha de assinaturas». Muitas, muitas e muitas mais, um nunca acabar delas! «O Gaiato», bom leitor, tem em ti um amigo. És da Família também. Não gostas de a ver crescer? Não querias que fosse cada vez maior? Então tens a palavra. Exige um pouquinho de sacrifício, mas por isso mesmo é que tem valor. E é por isso mesmo que a Obra da Rua foi criada. Unir os homens. Fazê-los amar. Ter gosto pela vida. Entrar em si. Perguntarem a si mesmos de onde vêm e para onde vão!

Cá esperamos por ti. Todos conhecemos o amor que nos tens, por isso tomamos a liberdade de pedir a tua colaboração. Chegou a hora de fazeres bem aos outros. Não recuses, não? O Gaiato é algo que interessa o mundo. É revolucionário porque feito com o peito. Escrito com o sangue desses heróis dos barridos, pelas flores do Calvário e pelas pérolas que vegetavam nos lugares inundados dos penedos e grandes centros, os enxotados de todos e que ora brilham pela luz da Estrela do Bem.

AMIGOS. Não é um elogio. Para tal nos falta tudo. Mas sim manifestar o nosso grande apreço pelas pessoas que servem desinteressadamente, uma grande causa. A causa do bem comum, fugindo por vezes às suas próprias comodidades e escondendo a mão como manda o Evangelho. E tantos e tantos são os senhores que assim procedem. Suas atitudes nos deixam, por vezes, até aturdidos!

Ainda não murchou tudo no mundo, não. Ainda há flores belas, gigantes, em plena época de inverno! A nossa Obra sente-se feliz, porque tem sido uma grande casa de câmbios. E o ajustar de contas é permanente. E os filhos pródigos sem conta, continuam a regressar a Casa do Pai!

Está feliz o fogo, quem o atea? Os ateados e o mundo por ver que deu com o caminho!

Acaba de sair da composição determinado senhor. Vem do Porto de propósito. Compõe uma máquina. Vai embora e ainda por cima agradece. Como este, podemos citar muitos e muitos mais!

INGRATIDÃO. Está há muitos anos na Casa do Gaiato. Esperto ao máximo. Rasgos para caudilho. Como é mais fácil, para o pior! Com ele os outros. Farto de andar no caminho errante, saturando-se e saturando. Desgostos inúmeros a quem superintende. Noites de vigília aos que são mais que pais. Tantos anos de vida que se vão. Tantos esforços baldados. Por uma das muitas é castigado. Que não senhor. Vai-se embora, não dá cavaco, nem sequer os bons dias e fica ainda a haver dinheiro...

Isto é duro mas é verdade. A verdade triste. Dura realidade. Assim, por esta ordem de ideias, é que se abrem cadeias, colônias penais, fortes e a grande ambição liberal do homem continua a morrer entre duas grades. Mas antes disso do que a Consciência encelada, presa por um cadendo, cega às flores, às doces águas e ao brilhar das estrelas!

FUTEBOL. Com respeito ao respeito, não há respeito nenhum. Ou me-

PELAS CASAS DO GAIATO

lhor: quanto a futebol é que estamos a ver.

Somos, como se sabe, uma das grandes equipas cá do norte. Pois bem. Temos de lançar um angustioso S. O. S. pois temos quatro equipas, duas de infantis, uma de reserva e as primeiras e os equipamentos são um caso sério! As bolas já lá vão. Por azar até nos caiu a trave do lado nascente e no domingo a nossa reserva teve de ir jogar a Belo Horizonte, por anável deferência do Cete que colocou suas instalações ao nosso dispor. Muito gratos. Depois são as joelheiras, as chuteiras, equipas, rede das balizas e um mundo interminável de complicações!...

V. Ex.as não querem tirar esta dór de fígado ao Senhor Padre Carlos e também a nós? Não querem salvar os naufragos desta tempestade? Pois claro que há muita gente boa e com... coisas velhas na carteira! Ora, deixe-se de conversas, seja moderno, modernizando um pouco estas gentes. Então podemos contar, não é verdade? Têm a palavra V. Ex.as!...

IMPORTANTE! O nosso grupo desportivo está em franco progresso. Vamos começar a praticar em grande forma, o Voleibol e a Patinagem. Acontece que precisamos de muitas equipas, pois nem para a secção de futebol! chegam, calçado, bolas e muito carinho da parte de todos, para que o desporto seja na realidade aquilo que todos desejam. É preciso que este S.O.S. ecoe em todas as províncias portuguesas e que os correios de futuro tenham muito que fazer com destino a Paço de Sousa. Não se atrapalhem no tamanho, pois a nossa quinta é grande. Mesmo uma maravilha para estas coisas. O que custa é encarregar, mas os leitores já todos sabem aonde fica Paço de Sousa! O Gaiato é tão bom que até ensina geografia! ..

Daniel

MIRANDA

DESPORTO. Há tempos tivemos a visita do Agrário de Lamas que veio ao nosso campo ganhar por 1-0.

Não nos conformamos com o resultado, pois o gol apareceu quase no fim e foi dum lance de sorte. Fize-

mos deslocar a nossa equipa ao campo do adversário. Al'nhamos: Luis, Sardinha e Pascoal; Machado, Humberto e Crisanto; Chico, Alfredo, Porto, Manuel e Carlitos.

O jogo decorreu muito animado, sendo os donos da casa os primeiros a fazer funcionar o marcador. Os nossos responderam e foi ainda o adversário a marcar por duas vezes. E assim se chegou ao intervalo com 3-1.

Entrou-se no segundo tempo e os nossos vinham dispostos a modificar o resultado e a'can aram mais 3 bolas, sendo a marca final de 4-3 a nosso favor.

Não é para gabar os nossos, mas devo dizer que o nosso adversário teve muita sorte do resultado ser este, devido ao campo ser aos altos e baixos e por hoje mais nada.

João Martelo

TOJAL

CONFERENCIA — Quando deixamos avançar o tempo sem qualquer vantagem para nós, mais tarde ou mais cedo surgem graves problemas. Foi o que aconteceu com a nossa conferência. Relaxe após relaxe, vêm-nos impossibilitados de pagar as despesas das compras que fazemos. Quatro semanas foi o suficiente para ficarmos a dever 400 e tantos escudos. Apareceram 145\$. O que não satisfaz completamente, deixando mais três para liquidar e 16 são as bocas que semanalmente mal aquecem com o caldo quente e vicentino.

Tantos outros que miseramente são tratados das chagas de que nós somos culpados!

A'guns, forçosa e involuntariamente, engrossam os pés e deformam o corpo nas longas caminhadas em busca do pão. São autênticos caminhos de penitência. Eles não nos deixam mentir. Temos um no hospital que passava dias e noites por lá, regressando a casa depois. Em casa estava um dia a descansar, voltando no dia seguinte pronto para outros tantos, sem

O mais recente edificio da nossa aldeia em Paço de Sousa. Por baixo, adega. Por cima, salões de recreio.



Aqui está um magote deles, muito contentes, a partir cascalho.

a sua família, a sua casa. Ele não podia, mas tinha que ser assim. E isto, porque o que damos aos inválidos não é suficiente para se deixarem estar tranquilamente em casa. Têm que mexer-se. E vós continuais a ficar inertes? É convosco!

É verdade que são 110 a 114\$ que damos a 16 cada semana. É uma gota de água numa p'pa atestada de vinho. Eis a oportunidade.

— Longe dos olhos, longe do coração. Não podemos deixar de dar razão ao nosso povo. O seu juízo é indomável.



o jogo da boia. A explicação tem como início abrir a bolsa. Depois prossegue assim...

— O nosso Indo Casal Agrícola está com inclinações ao feio porque não tem colchas que enfeite as camas.

O nosso enfermeiro, o Xabregas, anda sempre a pedir para pôr no jornal a ver se vem alguma seringa. Quando não... tem de dar as injecções a prego.

O Senhor Padre José Maria manda pedir-vos pastas para os estudantes.

— Os rapazes querem divertir-se nos recreios, mas limitam-se a passá-los de barriga ao sol ou dando pontapés nas pedras, a pensar que são bolas. Ora bolas!...

Zé do Porto

LAR DO PORTO

Bons amigos: Legou-nos o nosso querido Pai Américo o dever de velarmos pelos Pobres, nomeadamente desta cidade. Dentro do possível, temos socorrido semanalmente com géneros, roupas, utensílios e dinheiro esses irmãos nossos tão abandonados e esquecidos pela sociedade que se diz cristã.

Aproxima-se agora a grande Festa da Família e era bom que em todas as houvesse pão e alegria. Vai por isso esta conferência vicentina distribuir por eles a consoada, para que seja mais alegre e feliz a noite de Natal.

É preciso porém a vossa ajuda, sem a qual não podemos dar corpo a tal realização. Nesse sentido vimos perante os nossos amigos, no sentido de nos ajudarem, quer monetariamente, quer em roupa, géneros, etc.

Se nos permitissem, passaríamos dentro de dias a saber uma resposta. Nas nossas orações ficamos pedindo ao Pai do Céu e ao Pai Américo saúde e felicidades para todos vós e para os vossos e uma alegre quadra natalícia.

Pelos gaiatos vicentinos do Lar do Porto,

Um dos Confrades.

Peregrinação a Lourdes

(CONTINUAÇÃO)

tável. São ainda estas pedras mudas e retalhadas que nos contam a vida dos guerreiros, heróis e santos.

Foi Fernando II, o Santo Conquistador de Córdova e Sevilha quem colocou a primeira pedra do templo, em 21 de Julho de 1221, sobre o lugar que havia ocupado a primeira igreja românica de Afonso VI. A catedral deslumbra pela sua imponência gótica e suas portas que mais parecem de fortalezas. E a verdade é que na guerra serviram muito para a vitória do bem sobre o mal. Desenhos em relevo na madeira preciosa. Aparece-nos um grande Antifonário em pele de carneiro. A beleza de Cristo preso à coluna. Ao lado, fica a sala Capitular com suas belas pinturas e ricas tapeçarias.

No Tesouro da Catedral retratos que representam todos os bispos e cardeais da cidade de Burgos. Rica custódia. Uma maravilha, com 14 quilos de ouro. Paramentos riquíssimos, bordados a curo, do século XV. Outra linda custódia lavrada em prataOURADA. Rico tapete descreve Ressurreição de Cristo.

Destacamos a Capela do Santo Condestável de Castela, com seus cristais do século XV e seus túmulos feitos de mármore de Carrara. Aqui está também um bloco, pedra única, das oferendas, em mármore castelhano com o peso de 956 arrobas.

Capela de Santa Maria Maior, com seus castiçais grandiosos em prata, assim como Santa Maria

Maior, em magnífico trabalho. Vê-se o estandarte de uma das maiores vitórias de Espanha. Monumental escadaria dourada que dá para a R. German Gonçalves.

Capela de Santa Ana que data do século XV, juntamente com a do Santo Condestável, formam o duo mais rico desta Catedral. Magníficas obras de Santa Ana e S. Joaquim, pais da Virgem, em talha. Cá estava o Escudo Real de Portugal, porque o fundador desta capela, D. Luís da Cunha Osório, de sangue português. O tecto desta capela surte um efeito mui belo pela sua artística policromia.

Capela de S. Jorge muito bela. Por todos os lados. Em cada canto, em cada pedra. Em cada areia havia uma história bela que Deus contou aos homens. Por isso é que os nossos olhos pecadores deparam a todo o instante belezas incomensuráveis. A última figura com quem deparamos, foi de uma gravura que nos mostrava um relógio, no meio do qual, uma cabeça humana a relevo. Todas as vezes que dá horas o homem abre a boca!

**

Faltava contar que no quarto dos pintassilgos, no Hotel Avila, se esqueceram de pôr toalha e nós de manhã, como não nos enrascamos com tão pouca coisa, fizemos a limpeza geral aos «edifícios» e toca a limpar às colchas. É um caso grave, mas os homens são para as curvas...

Daniel

(Continua no próximo número)